

Empreendedorismo: Kirznerianos e Rothbardianos*

*Adriano Gianturco Gulisano***

Resumo: Autores kirznerianos consideram o empreendedor puro, um ator em alerta que não possui capital algum e descobre oportunidades objetivas de lucro; diferente dos rothbardianos, que afirmam o capitalista-empendedor como aquele que possui capital, esta sujeito ao risco e procura oportunidades subjetivas. O presente artigo se concentra no aspecto ativo da pesquisa e da descoberta em que as oportunidades são definidas como tais, apenas quando concretamente exploradas. Melhor do que ninguém, o empreendedor kirzneriano possui o recurso da “arbitragem”, um conceito dinâmico formado por vários instantes sucessivos no tempo, que vai do perceber ao desfrutar de uma determinada oportunidade.

Palavras-Chave: Teoria Econômica, Empreendedorismo, Capitalista, Lucro, Incerteza, Escola Austríaca, Kirzner, Rothbard, Schumpeter.

Entrepreneurship: Kirznerians and Rothbardians

Abstract: Kirznerian authors consider the pure entrepreneur an actor on alert that does not have some capital and discovers objective profit opportunities; different from Rothbardians, who claims the capitalist-entrepreneur as one who has capital, is subject to risk and seeks subjective opportunities. This article focuses on the active aspect of research and discovery, where opportunities are defined as such only when specifically explored. Better than anyone, the Kirznerian entrepreneur shows the feature of “arbitrage”, a dynamic concept formed by several successive instants in time, that goes from the perception to the enjoyment of a particular opportunity.

Keywords: Economic Theory, Entrepreneurship, Capitalist, Profit, Uncertainty, Austrian School, Kirzner, Rothbard, Schumpeter.

Classificação JEL: B53, D01

* O autor deseja expressar aqui a gratidão à sua aluna Isadora Darwich, graduanda em Relações Internacionais no IBMEC-MG, que gentilmente traduziu o artigo do italiano para o português.

** **Adriano Gianturco Gulisano** nasceu em 15 de junho de 1983 na cidade de Catânia, na Itália. É professor de Ciência Política no Departamento de Relações Internacionais do IBMEC-MG e membro do Conselho Editorial de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. Cursou a graduação em Ciência Política e Relações Internacionais na Università Roma Tre, o mestrado em Ciência Política na Università Di Torino e o doutorado em Teoria Política na Università degli Studi di Genova. É autor do livro *L'imprenditorialità di Israel Kirzner: L'etica della proprietà e la moralità del profitto nel libero mercato imperfetto* (Rubbettino Editore, 2013).
E-mail: adriano.gianturco@gmail.com

I - AÇÃO E FUNÇÃO DO EMPREENDEDORISMO ENTRE KIRZNERIANOS E ROTHBARDIANOS

As contribuições de Israel M. Kirzner e, especialmente, sua principal obra, *Competition and Entrepreneurship* [Competição e Atividade Empresarial], de 1973, reviveram a pesquisa científica sobre empreendedorismo. O autor é agora um dos principais marcos da literatura sobre o assunto. Com efeito, esse livro se tornou o texto de referência principal, seja pró ou contra. Nenhum outro autor escapa de citá-lo.

Kirzner coloca no centro do “processo de mercado” o ator empreendedor, chegando a afirmar que concorrência e empreendedorismo coincidem e que não existe um sem o outro. Kirzner, obviamente, não pode deixar de confrontar a tese de Joseph A. Schumpeter (1883-1950), à qual dirige críticas importantes. Referindo-se explicitamente às ideias de Ludwig von Mises (1881-1973), parte das noções básicas de que o mercado não é uma conceituação estática, onde o empreendedor (inovador) age como se fosse um fato exógeno e à parte, destruindo criativamente uma ordem estabelecida e levando-a ao desequilíbrio. O mercado não é um estado, mas um “processo” de uma realidade dinâmica em movimento constante e nunca em equilíbrio, no qual o empreendedor atua como elemento interno e parte integrante do sistema, não destruindo um suposto equilíbrio perfeito, que não existe, mas observando e aproveitando as oportunidades ainda não exploradas, coordenando assim os vários planos individuais e desencadeando um mecanismo que tende ao equilíbrio. Nesta perspectiva, o empreendedor é o motor do sistema, aquele que de certo modo desde o início torna possível a exploração das oportunidades, a interação, a troca, a coordenação dos planos individuais. Sua ação consiste em estar atento, em ter uma “especial perspicácia”¹ em notar oportunidades

de lucro ainda não aproveitadas e desfrutá-las. Fórmula que Kirzner resume com o termo “estado de alerta” (*alertness*).

Essas considerações levaram a um amplo debate e a reações contrárias. Imediatamente depois do lançamento, *Competition and Entrepreneurship* recebeu críticas de Murray N. Rothbard (1926-1995), Henry Hazlitt (1894-1993) e Percy L. Greaves Jr. (1906-1984) que destacaram seus méritos e deméritos. Esse debate continua até hoje e, ainda que muito por alto, é possível identificar duas vertentes distintas: a rothbardiana e a kirzneriana. Ambas alegam a proximidade de Mises às posições delas. As divergências se baseiam sobre alguns pontos centrais e alguns pormenores auxiliares, principalmente sobre as questões do empreendedor puro em antítese ao empreendedor-capitalista; sobre a importância do “estado de alerta”; sobre a incerteza; quanto à natureza das oportunidades a serem exploradas; sobre o aspecto ativo ou passivo do empreendedor; e sobre a descoberta ou busca.

Antes de tudo é necessário esclarecer uma questão, talvez simples, mas que muitas vezes permanece implícita. Falar de empreendedor pode ser por vezes enganador ou pelo menos mais ambíguo do que precisaria ser. A questão diz respeito ao empreendedorismo, à atividade, à função empreendedora que um indivíduo desempenha. De fato, “a economia, falando sobre os empreendedores, não considera os homens, mas uma função específica”², quando em economia se fala de empreendedores, capitalistas, proprietários, trabalhadores, consumidores, falamos de “categorias econômicas”, “*cataláxia*”³. Peter G. Klein de fato observa que mesmo Joseph A. Schumpeter, Frank H. Knight (1885-1972), Ludwig von Mises e Israel M. Kirzner tratam o empreendedorismo “como uma função, atividade ou processo”⁴. O que é

¹ HUERTA DE SOTO, Jesús. *La Scuola austriaca: Mercato e creatività imprenditoriale*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2003. p. 44.

² MISES, Ludwig von. *Human Action: A Treatise on Economics*. Little Rock: Fox and Wilkes, 4th rev. ed., 1996. p. 252.

³ Idem. *Ibidem.*, p. 251.

⁴ KLEIN, Peter G. *The Capitalist and the Entrepreneur: Essays on Organizations and Markets*. Auburn: Pref.

empreendedora é, portanto, a ação. Mas tem mais: não é só o empreendedorismo que se revela nas ações, mas também as ações revelam seu intrínseco e indissociável aspecto empreendedor: todas as ações são empreendedoras. Todas as ações são empreendedoras enquanto ato de escolha, voltado para o futuro, entre os vários meios considerados disponíveis e a economia dos mesmos, a fim de seguir as próprias preferências subjetivas e ordinais: “em todos os sistemas econômicos reais vivos, cada ator é sempre um empreendedor”⁵; existe portanto um “aspecto empreendedor nas atividades de cada participante do mercado”⁶.

Neste sentido podemos ser levados a concluir o assunto sumariamente: se todas as ações são empreendedoras, somos todos empreendedores, portanto, ninguém é empreendedor. Mas é claro que as coisas não são assim. Obviamente, porém, a questão é mais complexa, pois são muitas outras as variáveis intervenientes. Se é verdade que, nesse sentido, toda ação é empreendedora, podemos afirmar que toda ação contém o aspecto empreendedor, mas é muito mais complexo tentar investigar se contém só e apenas este aspecto. A ação individual poderia ser, e presumivelmente é, composta também por outros fatores. Essa tentativa teria muitas implicações e consequências. Não se pretende aqui monitorar o estado das ações individuais, mas sim tentar identificar a essência do empreendedorismo, a fim de colocar em evidência sua essência e sua função dentro do sistema econômico.

Além disso, salvo o esclarecimento inicial sobre os diferentes significados entre

empreendedor como uma figura e empreendedorismo como função, é melhor presumir que os autores que falaram de “empreendedor” (*entrepreneur*) e/ou “empresário” (*entrepriser*)⁷ se referiram ao “empreendedorismo”. Como a distinção é extremamente clara, pode-se presumir que estes termos tenham sido apenas taquigramas úteis a fim de simplificar e acelerar a discussão. De fato, na linguagem científica, os dois termos parecem ter dois significados diferentes. O empresário é um homem de negócios, um homem comum de negócios, ou seja, um gerente pode também ser considerado como um empresário. O empresário não é necessariamente um empreendedor. O empreendedor, contudo, pode não ser empresário, ou um homem de negócios. Pode não de fato não trabalhar em uma empresa e ainda sim atuar como empreendedor. Mesmo na linguagem comum os dois termos parecem fazer referência a pessoas diferentes. O empresário é em geral associado a grandes negócios, o empreendedor menos, já que muitas vezes fala-se de “pequeno empreendedor”. O uso indiscriminado e confuso das duas palavras, não faz justiça científica e, na linguagem comum, traz confusão e fortes implicações éticas e políticas.

II - EMPREENDEDOR PURO, CAPITALISTA E PROPRIETÁRIO

Kirzner afirmou ser capaz de isolar e separar o “*empreendedorismo puro*”⁸ das outras variáveis, indo contra Rothbard e outros autores. John Bates Clark (1847-1938) já havia

Doug French. Ludwig von Mises Institute, 2010. p. 96. Para mais detalhes acerca do posicionamento de Schumpeter e de Knight, ver: SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalism, Socialism and Democracy**. London: Routledge, 1994; KNIGHT, Frank H. **Risk, Uncertainty and Profit**. Boston: Hart, Schaffner & Marx Houghton Mifflin Company, 1921.

⁵ MISES. **Human Action**. p. 252.

⁶ KIRZNER, Israel M. **Competition and Entrepreneurship**. Chicago: The University of Chicago Press, 1973. p. 15.

⁷ HUERTA DE SOTO, Jesús. **La Scuola austriaca**. p. 4: A literatura científica brasileira não nota esta diferença. Isso é visível desde a tradução de *Human Action* por Donald Stewart Jr., lançada originalmente na seguinte edição: MISES, Ludwig von. **Ação Humana: Um Tratado de Economia**. Trad. Donald Stewart Jr. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990. Ver, também: IORIO, Ubiratan J. **Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2011. p. 5.

⁸ KIRZNER. **Competition and Entrepreneurship**. p. 16.

precedentemente feito referência ao “*empreendedor puro não-proprietário*”, mas se tratava de uma conceituação abstrata que dizia respeito apenas a um modelo estático do mercado; então quando Clark passava a analisar a real economia dinâmica, deixava de usar essa figura abstrata⁹. Muitos, de fato, acreditam que o empreendedor é inseparável do capitalista-dono dos meios de produção. Nas palavras de Richard Swedberg: “*Os economistas britânicos, de Adam Smith (1723-1790) em diante, confundiram o capitalista com o empreendedor*”¹⁰.

A principal objeção feita pelos rothbardianos à teoria de Kirzner é aquela que diz respeito ao empreendedor puro e o empreendedor-capitalista. Kirzner fala muitas vezes de empreendedor puro e empreendedorismo puro, afirmando que o empreendedor pode não possuir nenhum recurso e que, eventualmente, os recursos podem ser fornecidos pelo capitalista proprietário de recursos.

Israel Kirzner argumenta que o empreendedor puro não é dono dos meios de produção, não tem capital, não tem fatores de produção e não tem recursos em geral. Murray Rothbard¹¹, Henry Hazlitt¹², Percy Greaves¹³, Jörg Guido Hülsmann¹⁴, Joseph

T. Salerno¹⁵, Peter Klein, Sandra Klein, Kirsten Foss e Nicolai J. Foss¹⁶ argumentam que, na realidade, o empreendedor é sempre, também, capitalista, usando precisamente o termo “*empreendedor-capitalista*”, enquanto proprietário do capital, proprietário de algum recurso econômico. Kirzner especifica de forma explícita e clara que seu empreendedor puro é apenas um “*artifício analítico*”¹⁷ usado para isolar a variável empreendedora em sentido estrito para estudar sua essência e contribuições. Mas para os autores acima citados, “*essas duas funções [a empreendedora e a capitalista] absolutamente não podem ser separadas, nem mesmo em teoria*”¹⁸, para o empreendedor kirzneriano é apenas um “*tipo ideal*”¹⁹, um “*ser quase etéreo*”²⁰, “*imaginado*” e “*uma construção imaginária*”, em oposição ao “*empreendedor do mundo real*” (*real-world entrepreneur*)²¹. Na mesma linha, para Klein, o próprio estado de alerta (a essência do empreendedorismo kirzneriano) é uma “*metáfora*”²².

Atacando a ideia da possibilidade de isolar o empreendedorismo puro, Salerno entra muito profundamente na questão e

⁹ CLARK, J. B. *Essentials of Economic Theory: As Applied to Modern Problems of Industry and Public Policy*. New York: Macmillan, 1918. p. 119-26.

¹⁰ SWEDBERG, Richard. The Social Science View of Entrepreneurship: Introduction and Practical Applications. In: SWEDBERG, Richard (Ed.). **Entrepreneurship: The Social Science View**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 19.

¹¹ ROTHBARD, Murray N. Review of Competition and Entrepreneurship. *Journal of Economic Literature*, Vol. 12, No. 3 (1974): 902-903.

¹² HAZLITT, Henry. Review of Competition and Entrepreneurship. *Freeman*, Vol. 24, No. 12 (December 1974): 756-760.

¹³ GREAVES, JR. Percy L. Review of Competition and Entrepreneurship. **Wertfrei: A Review of Praxeological Science**, 1 (Spring 1974): 17-20, esp. p. 18-19.

¹⁴ HÜLSMANN, Jörg Guido. Knowledge, Judgment and the Use of Property. **Review of Austrian Economics**, Vol. 10, No. 1 (1997): 23-48; Idem. Entrepreneurship and Economic Growth: Comment on Holcombe. **The Journal of Austrian Economics**, Vol. 2, No. 2 (1999): 63-65.

¹⁵ SALERNO, Joseph T. The Entrepreneur: Real and Imagined. **Quarterly Journal of Austrian Economics**, Vol. 11, No. 3, (2008): 188-207.

¹⁶ KLEIN, Peter G. Opportunity Discovery, Entrepreneurial Action and Economic Organization. **Strategic Entrepreneurship Journal**, 2, (2008): 175-90; FOSS, Kirsten ; FOSS, Nicolai J. ; KLEIN, Peter G. & KLEIN, Sandra. The Entrepreneurial Organization of Heterogeneous Capital. **Journal of Management Studies**, Vol. 44, No. 7: 1165-86; FOSS, Kirsten ; FOSS, Nicolai J. & KLEIN, Peter G. Original and Derived Judgment: An Entrepreneurial Theory of Economic Organization. *Organization Studies*, Vol. 28, No. 6 (2007): 1-20. Ver, também:

¹⁷ KIRZNER. **Competition and Entrepreneurship**. p. 40.

¹⁸ SALERNO. The Entrepreneur. p. 188.

¹⁹ KLEIN. **The Capitalist and the Entrepreneur**. p. 103.

²⁰ ROTHBARD. Review of Competition and Entrepreneurship. p. 903.

²¹ SALERNO. The Entrepreneur. p. 190; KIRZNER, 1999, p. 5.

²² KLEIN. **The Capitalist and the Entrepreneur**. p. 102.

cria a figura “*praxeologicamente completa ou ‘integral’ do empreendedor, que integra os papéis praxeologicamente indivisíveis do portador da incerteza, do investidor de capital e do proprietário*”²³. Nesta formulação, Salerno retoma a opinião de Mises, em que essa idéia da unidade do empreendedor estava implícita, mas não elaborada explicitamente. É oportuno, neste caso, lembrar outra distinção posta em prática pelo próprio Mises, aquela do “*empreendedor promotor*” (*entrepreneur-promoter*):

Aqueles que estão particularmente impulsionados pelo lucro, adaptando a produção às mudanças esperadas nas condições [de mercado], aqueles que têm mais iniciativa, maior espírito aventureiro, e a vista mais apurada que a da massa, os pioneiros da iniciativa e da promoção das melhorias econômicas²⁴.

Então, mais uma vez, o cerne da questão é se é possível não possuir nada. Pode-se não possuir os meios de produção tais como máquinas e equipamentos; pode-se ser, talvez, desprovido até mesmo de capital monetário, mas é difícil supor que se possa ser desprovido de conhecimento, habilidades, empenho, experiência, ou seja, de algum recurso; que é o que, mais ou menos, entende Hülsmann quando argumenta que “*não pode haver tal coisa como uma descoberta – ou melhor: um julgamento – sem possuir cérebro e aparatos sensoriais*”²⁵. Claro que isso iria requerer uma investigação muito profunda sobre o significado do termo “capital” e “recursos” (que não é possível discutir aqui), mas é difícil dizer que aqueles acima (e também outros três) não sejam recursos que o indivíduo emprega e gasta na ação empreendedora, bem como, por exemplo, a competência é evidentemente (também) a capitalização da intuição, do conhecimento, do

esforço e da experiência: é no sentido lato “*capital humano*”²⁶.

Portanto é seguramente verdade que em alguns casos um indivíduo que põe em prática uma ideia empreendedora pode não ter capital monetário e que ele possa ser demandado junto a capitalistas, a bancos e aos investidores de risco (*venture capitalists*). Isto levanta questões importantes sobre a dúvida, se trata de empreendedor ou de gerente contratado, mas na realidade o verdadeiro âmagô está muito mais na raiz: não há razão alguma para focar-se apenas em recursos monetários. Uma abordagem metodológica “*essencialista*” não pode deixar de notar que entre os recursos monetários, capital e recursos não há diferença alguma. Pode ter validade afirmar que o empreendedor, de qualquer modo, necessita de dinheiro; e talvez também, seja válido sustentar que ao fazer um empréstimo se torne, de certa forma, detentor; e quando o utiliza, revela sua necessidade, mas parece difícil conseguir definir qualquer indivíduo como “*totalmente sem recursos*”²⁷. Qualquer pessoa, na verdade, tem, pelo simples fato de existir, meios: o recurso da própria vida. E se a vida toda é resolver problemas²⁸ ou evitá-los²⁹, isso é definitivamente uma ação. Resolver ou evitá-los são ações, permanecer inertes também é uma ação. A ação é inevitável e pode constituir-se em um recurso. Assim, além da intenção acima mencionada, conhecimento, competência, empenho, experiência,

²³ SALERNO. *The Entrepreneur*. p. 194.

²⁴ MISES. *Human Action*. p. 254-55.

²⁵ HÜLSMANN. *Knowledge, Judgment and the Use of Property*. p. 33.

²⁶ HORWITZ, Steven. *Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital*. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, Vol. 12 No. 1, (Mars 2002): 67-77, cit. p. 67. O sociólogo e jornalista italiano Luciano Pellicani fala de “*capital oculto*” em: PELLICANI, Luciano. *Rivoluzione e totalitarismo*. Lungro di Cosenza: Marco Editore, 2004.

²⁷ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 40.

²⁸ POPPER, Karl. *Tutta la vita è risolvere problemi: Scritti sulla conoscenza, la storia e la politica*. Milano: Rusconi, 1999.

²⁹ GILDER, George. Paper for the Cato-Brookings Institution conference “*Regulation in the Digital Age*”. Washington, DC, April 17-18, 1997.

etc., a ação (aspecto imprescindível de todo e cada momento da vida humana), é o recurso mais original, íntimo e importante intrínseco a nós, sempre.

Falar de “*figuras imaginárias*”³⁰, de “*construções instrumentais*”³¹ é seguramente “*uma estratégia e truque e artifício analítico*”, mas não quer dizer que se trata de um problema. Ainda que cada ser humano atue de forma completamente integrada, todas estas ferramentas de simplificação são úteis para a compreensão da lógica dos processos de mercado e de fato, como ressalta Kirzner “*não é muito diferente do que se faz quando se trata, por exemplo, das ‘decisões do consumidor’*”³². É óbvio e sabido que nenhum indivíduo nunca é simplesmente o trabalhador, o consumidor, o empreendedor ou o capitalista. Todos estes termos são abstrações úteis e adequadas à análise de uma função particular. O problema então não é tanto o de falar somente do empreendedorismo, separadamente da função capitalista, mas sim, definir corretamente o status ontológico desta função. Ao invés de questionar-se sobre a importância fundamental do conhecimento ou da propriedade, seria mais útil logicamente voltar à essência da ação empreendedora, notando-se, assim, que o indivíduo traz consigo os recursos indissociáveis de sua própria existência, que é a de sempre agir.

III - PASSIVIDADE? AÇÃO, COMPORTAMENTOS, BUSCA E DESCOBERTA

A descoberta empreendedora, para Kirzner, “*surge do nada*”³³ e o empreendedorismo

³⁰ MISES. *Human Action*. p. 254.

³¹ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 103.

³² KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 43.

³³ COLOMBATTO, Enrico. Dall’impresa dei neoclassici all’imprenditore di Kirzner. p. 19. Versão preliminar do artigo sucessivamente publicado como: COLOMBATTO, Enrico. Dall’impresa dei neoclassici all’imprenditore di Kirzner. *Economia Politica*, Vol. 18, No. 2, (2001): 157-179.

consiste no estado de alerta: estar alerta, ter prontidão em perceber as oportunidades de lucro ainda não exploradas e aproveitá-las. Já nos primeiros textos de Kirzner pode-se perceber que nestas definições está implícita a idéia de que o estado de alerta seja algo passivo: “*a teoria de Kirzner quase parece ser um relato das funções involuntárias do corpo humano, em vez de um relato de como a razão humana relaciona-se com o fenômeno econômico*”³⁴. Em 1999, Kirzner confirma explicitamente essa ideia de estado de alerta passivo e empreendedor passivo, falando de um “*empreendedor como a pessoa que no estado de alerta (mas ‘passivamente’) simplesmente nota as oportunidades*”³⁵. Continuando, no mesmo artigo, se encontram outras duas afirmações importantes, quando Kirzner reconhece que “*um certo número de escritores em geral simpatizantes à visão misesiana do processo competitivo de mercado, não se sintam à vontade com minha ênfase no empreendedor que nota ‘passivamente’ (e tira benefícios das) mudanças dos dados, que surgem independentemente*”³⁶ e quando, em antítese às próprias, reconhece como como schumpeterianas as características de um empreendedor “*ativo*” e “*agressivo*”³⁷. O próprio Israel Kirzner cita em nota Percy Greaves, Henry Hazlitt, Lawrence H. White e Jack High como os críticos dessa perspectiva. Na verdade Hazlitt sustenta explicitamente:

Não basta que o empreendedor esteja “*alerta*” e que “*perceba*” uma oportunidade; ele deve *agir* sobre seu estado de alerta e sua percepção. Sem dúvida Kirzner compreende isso, mas nem sempre o deixa suficientemente explícito³⁸.

³⁴ COWEN, Tyler. Entrepreneurship, Austrian Economics, and the Quarrel Between Philosophy and Poetry. *The Review of Austrian Economics*, Vol. 16, No. 1 (2003): 5-23, cit. p. 5.

³⁵ KIRZNER, Israel M. Creativity and/or Alertness: A Reconsideration of the Schumpeterian Entrepreneur. *Review of Austrian Economics*, Vol. 11, No. 1-2 (1999): 5-17, cit. p. 7.

³⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 9.

³⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 12.

³⁸ HAZLITT. Review of Competition and Entrepreneurship. p. 759.

J. B. Clark quer dizer mais ou menos a mesma coisa quando fala de “*ato autorizador*” (*enabling act*) e de “*ato de vontade*” (*act of will*)³⁹. É exatamente este o ponto: o empreendedorismo é um atributo, serve à ação, é uma característica da ação. Empreendedorismo por si só não existe, sem ação. Na realidade, só existe a ação empreendedora. Não obstante o anseio de Henry Hazlitt, parece improvável, que Israel Kirzner quis dizer isso. Na mesma linha Jörg Guido Hülsmann então critica Randall G. Holcombe porque parece que a perspectiva de Holcombe implique “*uma visão passiva do homem e isso contradiz a existência da escolha*”⁴⁰ e afirma ainda que a “*percepção é sempre uma ação, ou seja é a manifestação de uma escolha. [...] Os empreendedores devem conscientemente procurá-las [as possibilidades de arbitragem]. Devem agir*”⁴¹.

Steven Horwitz argumenta que o “*lucro fruto do empreendimento não é apenas resultado da sorte, mas é também devido a uma escolha deliberada. [...] O alertness se situa como afirmou Kirzner, entre sorte e busca deliberada*”⁴². Isso porém não atribui ao estado de alerta qualquer aspecto de passividade. Na verdade como lembrado por Hülsmann “*o homem que age escolhe para onde endereça sua percepção, ou a percepção é causada por eventos externos*”⁴³. Como nota Hazlitt até mesmo para que se possa aproveitar de um caso de “*sorte*” deve-se agir. Por exemplo, considerando o caso de um indivíduo que herda uma quantidade considerável de pedras preciosas de um parente distante que ignorava que existisse. No que consiste o caso? Ele já pode ser considerado sortudo? O caso consiste apenas no fato do recebimento das pedras preciosas? Ou

se deve talvez utilizá-las para seu benefício? Mas mesmo antes, a sorte é receber as pedras preciosas, coisas fundamentalmente sem valor de mercado, um objeto, um dado objetivo, ou melhor, talvez, a sorte consista no receber algo que o indivíduo em questão acredita ser relevante? Quem qualifica como “*preciosas*” determinadas pedras (e não outras)? E essa “*crença*” não é um ato de vontade, uma ação? Receber ainda que passivamente uma coisa requer que o indivíduo analise e defina esta coisa e então aja para aproveitar a oportunidade. As informações, “*de qualquer forma, devem ser interpretadas*”⁴⁴, o que já constitui uma ação e, depois, como já mencionado por Hazlitt, essa interpretação deve ser explorada, sempre deve-se agir.

Mesmo Jack High, quando fala de “*procura*” como uma importante parte do empreendedorismo⁴⁵, refere-se à ideia de um indivíduo ativo. A procura e a busca, na verdade, têm um valor diferente que o de simplesmente encontrar, que é basicamente a atividade do *finder kirzneriano*. A pesquisa pode levar sim à “*descoberta*” de oportunidades, mas uma descoberta assim feita nada tem de passiva, pelo contrário.

O binômio descoberta-procura é outro pilar do debate sobre o empreendedorismo, na realidade, “*o alertness está relacionado com a distinção bem conhecida por Kirzner entre ‘procura’ e ‘descoberta’*”⁴⁶. Obviamente a descoberta pode também ser casual e pode até se tratar de uma casualidade feliz – “*serendipidade*” (*serendipity*)⁴⁷. De fato “*a aleatoriedade da desco-*

³⁹ SALERNO. The Entrepreneur. p. 199.

⁴⁰ HÜLSMANN. Entrepreneurship and Economic Growth: Comment on Holcombe. p. 65.

⁴¹ Idem. Knowledge, Judgment and the Use of Property. p. 30.

⁴² HORWITZ. Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital. p. 67.

⁴³ HÜLSMANN. Entrepreneurship and Economic Growth. p. 65.

⁴⁴ LACHMANN, Ludwig. The Science of Human Action. *Economica* (New Series), Vol. 18, No. 72 (November 1951): 412-427, cit. p. 420.

⁴⁵ HIGH, Jack. **Maximizing, Action, and Market Adjustment: An Inquiry into the Theory of Economic Disequilibrium**. Munich: Philosophia Verlag, 1990. p. 53.

⁴⁶ HORWITZ. Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital. p. 68.

⁴⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 68. Ver, também: MERTON, Robert K. & FALLOCCO, Simona. **La Serendipity nella Ricerca Sociale e Politica: Cercare una Cosa e Trovarne un’Altra**. Roma: Luiss Edizioni, 2002; COWEN. Entrepreneurship, Austrian Economics, and

berta é, para Kirzner, o fator de discriminação da ação empreendedora [...e o empreendedor kirzneriano] *descobre por acaso*⁴⁸. Desse modo Sautet argumenta que *“a descoberta e avaliação das condições futuras constituem a função empreendedora na ação humana”*⁴⁹ e que *“por sua própria natureza, os resultados são sem custo; não há qualquer recurso ao qual se renuncie no ato da descoberta”*⁵⁰. Horwitz alega que *“o empreendedorismo é sem custo. A descoberta autêntica é grátis e os atos individuais de descoberta não podem ser “produzidos” através de investimento”*⁵¹. Tyler Cowen, ao contrário, sustenta que *“nunca pode ser dito que uma descoberta empresarial é ‘sem custos’”*⁵². Mas, então, Horwitz afirma que:

Endereçar a intenção a uma ação requer duas etapas: a intenção e alguma forma de operacionalização daquela intenção. Kirzner insiste que apenas o intuito se qualifica como “empreendedorismo”, pois uma vez que se tem a intenção, o problema de implementá-lo é simplesmente uma questão de maximização, dadas as restrições de estrutura de meios e fins revisados (pós intuito)⁵³.

Para desatar este nó, porém, é melhor permanecer mais perto da fonte do problema. Kirzner repete explicitamente várias vezes que o estado de alerta consiste em perceber as

the Quarrel Between Philosophy and Poetry. [N. do T.: A palavra portuguesa “serendipismo” se refere ao dom de fazer descobertas por acaso].

⁴⁸ BARON, Hervé & PASSARELLA, Marco. Concorrenza senza equilibrio: La “scoperta imprenditoriale” nella Teoria Economica Austriaca. *Storia e Politica*, Vol. 2, No. 2 (2010): 416-42. Disponível em: http://mpr.ub.uni-muenchen.de/28505/1/MPra_paper_28505.pdf

⁴⁹ SAUTET, Frederic. Entrepreneurship, Institutions and Economic Growth. In: PROCTER, Roger (Ed.). *Ways of Thinking about Economic Growth: Papers from MED’s Economic Growth Seminar Series*, September 2008, p. 44.

⁵⁰ Idem. *Ibidem.*, p. 45.

⁵¹ HORWITZ. Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital. p. 70.

⁵² COWEN. Entrepreneurship, Austrian Economics, and the Quarrel Between Philosophy and Poetry. p. 8.

⁵³ HORWITZ. Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital. p. 70.

oportunidades e desfrutá-las. Bem, perceber e desfrutar não são uma única ação, mas, como faz entender também Horwitz, são duas ações muito distintas entre si: *“transformar uma intuição em ação requer duas etapas: intuição e em seguida alguma forma de operacionalização da intuição”*⁵⁴. Que aproveitar, desfrutar as oportunidades, implementar ideias empreendedoras seja algo ativo é extremamente claro. Além disso, como já mencionado, e como observado por Hülsmann, também perceber, avaliar, crer, são ações (do intelecto) e assim ativas. A questão, porém, é que o homem já está condenado à ação apenas pelo fato de existir e a ação é por si mesma ativa. Não existem ações passivas. O nó, talvez, pode ser desatado ou, se se quiser, ainda mais difícil de desatar, através da introdução de mais uma distinção, pensando sobre a diferença entre consciência e inconsciência, ciência e não ciência (não informação), intencional e não intencional.

Mantendo a distinção entre perceber e aproveitar uma oportunidade e procurando não cair no psicologismo, pode-se levantar a hipótese que perceber (uma oportunidade) possa ter também um quê de inconsciência e instinto. Provavelmente também o aproveitar (uma oportunidade) tem as mesmas características de talvez qualquer tipo de ação, mas parece plausível que o perceber as apresente em grau maior. Em uma conferência na Foundation of Economic Education (FEE), em agosto de 2009, Israel Kirzner argumentou que não se pode decidir estar alerta; se se está atento às oportunidades, é impossível não estar, e que quando uma oportunidade se apresenta para nós não houve uma decisão anterior de estar alerta. Talvez, além de ser mais minimalista e reducionista, o binômio intencional – não intencional poderia se adequar até melhor que o *“estado de alerta”* (*alertness*) kirzneriano, sobretudo na parte sobre a percepção (ao invés de exploração).

Já Mises havia tratado desse tema, destacando a diferença entre ação e comportamento. O que o homem faz inconscientemen-

⁵⁴ Idem. *Ibidem.*, p. 70.

te, não ciente, não intencionalmente entra na categoria de comportamentos e não de ação. Na realidade sua própria noção de ação prevê que seja “consciente” e “orientada para um fim”⁵⁵. Na mesma linha Hülsmann afirma que “a ação é um comportamento consciente”⁵⁶.

Finalmente, é interessante notar dois outros aspectos. Duas vezes Kirzner escreve “alerta (mas passivamente)”, “passivo, mas alerta”⁵⁷, e aquele “mas”, erro de digitação ou não, uma vez mais refere-se à diferença entre ser alerta e ser passivo. Desta forma o autor salienta ainda, de modo forte e dissociado do seu “estado de alerta”, que o empreendedor é “puramente passivo e [...] sujeito às condições estáticas”⁵⁸; mas ao mesmo tempo coloca o *alertness* em contraposição à passividade. No mesmo artigo de 1999, Kirzner argumenta que quando passa a uma consideração de multi-período, “a relevância das características ativas e agressivas do empreendedor de Schumpeter se tornam compreensíveis e importantes”⁵⁹, ativas de fato. O problema é que, como será visto, o período-único não existe.

IV - OPORTUNIDADES, EXPECTATIVAS E INCERTEZA

Trata-se então de notar, através de uma ação consciente, as oportunidades de lucro. Sobre o que são essas oportunidades, no entanto, não existe unanimidade. A corrente Kirzneriana as considera como oportunidades já existentes, objetivas e independentes do indivíduo; a Rothbardiana, as considera oportunidades futuras, que existirão, que podem vir a existir, que o indivíduo crê e imagina que podem existir e, portanto, subjetivas. Kirzner

acredita que o empreendedor “responda”⁶⁰ às mudanças nos dados, note e explore “oportunidades que já existem”, “que estão à espera de serem descobertas”, afirmando: “Eu vejo o empreendedor não como uma fonte de ideias inovadoras ex nihilo, mas como um ser alerta às oportunidades que já existem e que estão à espera de serem notadas”⁶¹.

Efetivamente, como já se pôde entender, parece mais plausível uma concepção subjetivista das oportunidades: é a percepção individual que interpreta e define algo como uma oportunidade. Nesse sentido é difícil poder falar de oportunidades já existentes. Gabriel J. Zanotti de fato afirma que:

Quem tem “alertness” empresarial, é informado de possibilidades que outros não são. Isso não é um conhecimento sobre o passado, mas, acima de tudo, uma capacidade de conjecturar sobre as valorações futuras no mercado⁶².

A questão parece se resolver em sua essência, visto que as oportunidades podem ser definidas como tais só depois de terem sido exploradas “pode-se observar apenas as oportunidades que foram realizadas concretamente”⁶³. Como demonstra também Lawrence White quando diz que: “claramente não se pode dizer que existam novas oportunidades até que tenham sido pensadas ou ‘notadas’, por um empreendedor que quer ‘romper com a rotina’”⁶⁴. White lembra como também John W. N. Watkns (1924-1999) fala de “uma hipótese que geralmente pode ser comprovada só depois que a inovação foi feita”⁶⁵.

⁶⁰ Idem. *Ibidem.*, p. 16.

⁶¹ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 74.

⁶² ZANOTTI, Gabriel J. *El metodo de la economia politica*. Buenos Aires: Edizione Cooperativas, 2004. p. 82.

⁶³ HÜLSMANN. *Entrepreneurship and Economic Growth*. p. 64.

⁶⁴ ZANOTTI. *El metodo de la economia politica*. p. 94.

⁶⁵ WHITE, Lawrence H. *Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration*. In: LITTLECHILD, Stephen C. (Ed.). *Austrian Economics: Volume 3*. Aldershot / Brookfield: Edward Elgar, 1990. p. 87-104, cit. p. 95.

⁵⁵ MISES. *Human Action*. p. 11.

⁵⁶ HÜLSMANN. *Knowledge, Judgment and the Use of Property*. p. 30.

⁵⁷ KIRZNER. *Creativity and/or Alertness*. p. 7, 13.

⁵⁸ SALERNO. *The Entrepreneur*. p. 198.

⁵⁹ KIRZNER. *Creativity and/or Alertness*. p. 12.

Semelhantemente, Klein defende que as oportunidades não são objetivas e que “*não existem até que os lucros não tenham sido realizados*”⁶⁶.

Hülsmann chama a perspectiva de Kirzner “teoria da atração” (*attraction theory*), evidenciando que desse modo seriam os objetos, os dados, as oportunidades a atrair e causar a ação do indivíduo, fazendo até mesmo com que o sujeito passivo se torne passivo e o objeto ativo:

A concepção de Kirzner implica que nós (ou alguns de nós) temos informações sobre um objeto, pois o objeto por si mesmo as coloca de alguma forma na nossa consciência. Nós somos passivos e o objeto é ativo⁶⁷.

Peter Klein diz que as oportunidades não são nem causa nem consequência, não sendo nem descobertas, nem criadas, dizendo mesmo que a criação e a descoberta são “*conceitos puramente metafóricos*”, mas imaginadas⁶⁸. O mesmo termo (em contraposição àquele de descoberta) é também utilizado por Lawrence H. White. Nesta perspectiva, logo, não se trata de “*visão*”⁶⁹ das oportunidades presentes, mas de “*intuição*”⁷⁰ daquelas futuras. Se trata de “*expectativas*”⁷¹; de “*antecipações*”⁷²; de “*estimativas*”⁷³; de “*previsão*” (*foresight*), como diz White, com as palavras de Ludwig Lachmann (1906-1990), se trata de uma “*hipótese de*

trabalho” (*working hypothesis*)⁷⁴. Israel Kirzner, Jörg Guido Hülsmann, Frederic Sautet, Jack High e Peter Klein usam igualmente o termo “*juízo*” (*judgment*), mas provavelmente com significados diferentes. O primeiro interpreta com um juízo sobre o presente, sobre a “*oportunidade de lucro que existe*”⁷⁵; Hülsmann e Sautet têm em mente um “*juízo sobre o futuro*”⁷⁶; High liga o juízo principalmente à incerteza e em seguida afirma explicitamente que “*os homens baseiam seus julgamentos sobre eventos futuros*”⁷⁷; igualmente, Klein associa este conceito à “*gama de possíveis consequências futuras*” e em seguida afirma que “*o julgamento refere-se à criação de novas oportunidades*”⁷⁸. Em suma “*as expectativas empreendedoras são crenças sobre os futuros dados relevantes do mercado*”⁷⁹, um futuro no qual “*o empreendedorismo tem a ver com a [sua] inevitável incerteza*”⁸⁰ e nesse sentido “*as expectativas sobre o futuro são inerentemente subjetivas*”⁸¹.

Precisamente a *incerteza* é outro ponto importantíssimo de desacordo. Para ambas as visões, esta é uma condição inevitável da vida humana, mas Kirzner acredita que pode intencionalmente mantê-la fora do estudo, isolando o empreendedorismo em uma análise estática.

Em 1981, Israel Kirzner afirmou: Deliberadamente ampliei minhas precedentes análises do empreendedorismo do período simples (no qual a incerteza pode, em certo sentido, ser ignorada) para o caso de

⁶⁶ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 104.

⁶⁷ HÜLSMANN. Knowledge, Judgment and the Use of Property. p. 30.

⁶⁸ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 104

⁶⁹ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 93.

⁷⁰ Idem. *Ibidem.*, p. 93. Ver, também: ROTHBARD, Murray N. *Man, Economy State: A Treatise on Economics Principles*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2001. p. 464.

⁷¹ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 93; KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 141; HIGH. *Maximizing, Action, and Market Adjustment*. p. 56.

⁷² KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 108.

⁷³ HÜLSMANN. Knowledge, Judgment and the Use of Property. p. 46.

⁷⁴ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 91.

⁷⁵ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 86.

⁷⁶ HÜLSMANN. Knowledge, Judgment and the Use of Property. p. 36; Idem. Entrepreneurship and Economic Growth. p. 64; SAUTET. Entrepreneurship, Institutions and Economic Growth. p. 32.

⁷⁷ HIGH. *Maximizing, Action, and Market Adjustment*. p. 56.

⁷⁸ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 70

⁷⁹ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 91.

⁸⁰ ROTHBARD. *Man, Economy State*. p. 498.

⁸¹ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 103.

multi-período (no qual a dimensão da incerteza é garantida)⁸².

Mais tarde, em 1999, Kirzner disse:

A minha obra de 1973 encontrou um artifício para focar nisso, na característica essencial do empreendedorismo, por intermédio do estratagema da abstração do empreendedorismo de todos os outros aspectos do exercício do mundo-real. [...] um mundo de mono-período sem produção e sem incerteza⁸³.

A incerteza é então mantida fora da análise, usando o método do período-único. O problema é que a possibilidade de isolar e manter estático o período único é inalcançável. A questão da incerteza é de fundamental importância, pois, como observado por White:

A incerteza pervasiva enfrentada pelo empreendedor, enfatizada por Mises, mas deliberadamente minimizada por Kirzner, sugere a especulação ou a imaginação mais do que o “estado de alerta” (*alertness*) como características do empreendedorismo⁸⁴.

No fundo, mesmo Kirzner reconhece a mesma coisa quando ele diz que “a explícita introdução da incerteza em minha retratação do contexto empreendedor certamente enriquece e melhora a mesma (a) aproximando-a ao contexto do mundo-real”⁸⁵. E quando em seguida afirma que:

O “estado de alerta” (*alertness*) empreendedor, neste mundo essencialmente incerto, indefinido, de multi-período deve inevitavelmente se expressar nas qualidades como audácia, autoconfiança, criatividade e habilidade de inovar⁸⁶.

Além disso, se trata mais uma vez de características que ilustram muito bem o caráter intrinsecamente ativo da ação. Sempre sobre

o conceito de incerteza, Klein chega a fundar uma própria abordagem ao empreendedorismo como a tomada crítica de decisões em condições de incerteza. Onde:

O julgamento refere-se em primeiro lugar aos negócios quando a série de possíveis resultados futuros, deixando de lado a probabilidade de resultados individuais, é geralmente desconhecida (nas palavras de Knight “incerteza”, mais que um mero risco probabilístico)⁸⁷.

Em suma, mais uma vez, incerteza, futuro e juízo estão no centro da questão.

V - TEMPO, ARBITRAGEM, RISCO E CUSTO-OPORTUNIDADE

Em Kirzner a incerteza está ligada a dois outros conceitos: tempo e arbitragem. Como já foi dito, para ele, a incerteza torna-se significativa no multi-período, enquanto no período-único por sua vez não é. Nesta perspectiva, o melhor exemplo de empreendedorismo puro seria a arbitragem. Como observa White, Kirzner “jamais faz distinção entre o empreendedorismo e arbitragem”⁸⁸, pois para ele as duas coisas coincidem.

Na ótica Kirzneriana, a arbitragem não necessita de nenhum recurso e consiste em nada mais do que em perceber uma oportunidade de lucro (neste caso a diferença de preços), em aproveitá-la, comprando e vendendo ao mesmo tempo. A arbitragem, logo, é a atividade mais propriamente empreendedora e ao mesmo tempo o seu núcleo central. Em uma situação na qual um indivíduo não possui recursos monetários, pode perceber uma oportunidade de ganho inexplorada, pode adquirir e revendê-lo ao mesmo tempo. O dinheiro para realizar essa atividade pode ser conseguido através de outras pessoas. Salerno afirma que neste caso não se trata de empre-

⁸² KIRZNER, Israel M. Mises on Entrepreneurship. *Wirtschaftspolitische Blätter*, No. 4 (1981).

⁸³ Idem. Creativity and/or Alertness. p. 11.

⁸⁴ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 88.

⁸⁵ KIRZNER. Creativity and/or Alertness. p. 12.

⁸⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 12.

⁸⁷ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 97.

⁸⁸ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 91.

endedor puro, mas de “gerente contratado”⁸⁹ por um capitalista. Esta ideia kirzneriana de arbitragem que se desenvolve toda, única e exclusivamente, no presente, constituindo-se como percepção de uma discrepância de preços e portanto a descoberta de uma oportunidade de lucro, claramente não pode implicar qualquer risco, e ainda: “no mundo real, certamente, nada é absolutamente certo”⁹⁰, ainda mais no futuro, aquele que na realidade é sempre o tempo de cada ação, incluindo a arbitragem. O problema é que, como ensinado pelo subjetivismo radical de Lachmann (relativo ao futuro), o período-único não existe: “as condições da ação não são imutáveis. Pelo contrário mudam a cada dia”⁹¹. A vida humana é uma sucessão repentina de inúmeros instantes muito diferentes uns dos outros. O estudo do passado não pode nos dar nenhuma certeza de que o próximo instante será parecido com o que acabou de passar. Portanto, mesmo a arbitragem ocorre em diferentes instantes. É emblemático o trabalho de Robert F. Hébert e Albert N. Link no qual os dois autores, apesar de falar de pureza, antes reconhecem que até mesmo a arbitragem pura inclui riscos, pois as transações não são instantâneas e algo nesse meio tempo poderia acontecer⁹², mas em seguida se desmentem afirmando que a arbitragem diz respeito ao presente⁹³. Por sua parte Rothbard, chega a falar de um “componente empreendedor (ou de ‘risco’)” quase como se risco e empreendedorismo fossem sinônimos; e em seguida liga o risco à incerteza chamando-o até de “grau de incerteza”⁹⁴.

Daqui quer se chegar à questão do *risco*. Isso, na verdade, é outro conceito em que as

duas correntes assumem (implicitamente) posições diferentes. Geralmente, no entanto, esses autores traçaram percursos diferentes. Se o empreendedor é também capitalista (possui capital) implica que ao concretizar a atividade empreendedora arriscará a perda do mesmo. Se, porém, o empreendedor pode não possuí-lo e não investir nada, implica que o risco não existe e como alega Horwitz – que afirma ter uma “abordagem kirzneriana”⁹⁵–, “Kirzner diz que o “estado de alerta” (alertness) é uma propensão psicológica, e não um ‘recurso’, que se possa possuir”⁹⁶ e que “absolutamente nenhum investimento é necessário”⁹⁷, enquanto Rothbard argumenta que “todos os empreendedores investem”⁹⁸. Hébert e Link, no entanto, admitem que há sempre pelo menos um custo-oportunidade: “até mesmo o empreendedor sem dinheiro tem perdas potenciais na medida em que enfrenta o custo de oportunidade do seu tempo e talento”⁹⁹. Salerno também reconhece que:

Existe um certo esforço mínimo de energia mental e até mesmo física consumidas no escolher atentamente e supervisionar continuamente projetos de investimento. [...] Isto acarreta um custo de oportunidade¹⁰⁰.

O próprio Kirzner aproxima-se desta ideia quando admite que “certamente, muitas das oportunidades de lucro empreendedor até agora não descobertas podem incluir processos que requerem tempo”, e ainda: “quase todos os processos de produção exigem mais ou menos tempo”¹⁰¹. O autor, no entanto, diz que “muitas” oportunidades, não “todas”, “podem” levar tempo, e não “exigir”; “quase todos” os processos e não “todos”. Robin Douhan,

⁸⁹ SALERNO. *The Entrepreneur*. p. 190; HAZLITT. *Review of Competition and Entrepreneurship*. p. 759.

⁹⁰ ROTHBARD. *Man, Economy State*. p. 497.

⁹¹ HÜLSMANN. *Knowledge, Judgment and the Use of Property*. p. 36.

⁹² HÉBERT, Robert F. & LINK, Albert N. *The Entrepreneur: Mainstream Views and Radical Critiques*. New York: Praeger, 1982. p. 18-19

⁹³ Idem. *Ibidem.*, p. 97.

⁹⁴ ROTHBARD. *Man, Economy State*. p. 497.

⁹⁵ HORWITZ. *Entrepreneurship, Exogenous Change, and the Flexibility of Capital*. p. 67.

⁹⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 68.

⁹⁷ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 48.

⁹⁸ ROTHBARD. *Man, Economy State*. p. 466.

⁹⁹ HÉBERT & LINK. *The Entrepreneur*. p. 20.

¹⁰⁰ SALERNO. *The Entrepreneur*. p. 201.

¹⁰¹ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 48-49.

Gunnar Eliasson e Magnus Henrekson, de fato, revelam que:

O que Israel Kirzner diz é que, em determinadas circunstâncias, tais como a liberdade de entrada, o empreendedorismo pode ser exercido sem qualquer custo. Isso decorre da visão de Israel Kirzner que o empreendedorismo não é um recurso; portanto não há custo-oportunidade associado ao “uso” do empreendedorismo¹⁰².

O cerne da questão é exatamente este: recurso ou não, o investimento ou não, mantendo-se mais à raiz, há sempre uma relação custo-oportunidade de estar alerta (mesmo que seja não intencional) e no agir empreendedor, que consiste (pelo menos) no tempo empregado e no custo-oportunidade próprio de qualquer ação.

CONCLUSÕES

A contribuição de Israel Kirzner ao tema do empreendedorismo é relevante, mas mesmo seus críticos têm contribuído para aprofundar e melhorar a teoria. Kirzner não só “popularizou a noção de empreendedorismo”¹⁰³, mas contribuiu para dar centralidade à função do empreendedorismo, à tentativa de analisar o mesmo, para inseri-lo e dar-lhe mérito no debate da economia *mainstream*, para derrubar alguns dos mitos e por ser ainda hoje referência no assunto. A subdivisão atual da Escola Austríaca é geralmente traçada entre hayekianos e rothbardianos, com ambas as vertentes que tentam puxar Ludwig von Mises para seu próprio lado. A distinção feita aqui é provavelmente grosseira, mas parece intuitiva. Além disso, a referência a rothbardianos é não tanto no sentido de que as teses dessa vertente tenham sido feitas por Rothbard, ou que

os autores em questão sigam Rothbard sobre este tópico, mas no sentido de que os autores em mérito geralmente se baseiam bastante em Rothbard, no que tange a todos os outros temas de debate. Falou-se então de kirznerianos porque certamente Kirzner é o principal autor de referência, no qual de fato se baseiam muitos estudiosos do assunto. Também sobre este tema, ambas as vertentes reivindicam o legado de Mises. Finalmente, Lawrence White, embora geralmente situado entre os hayekianos (-kirznerianos?), neste caso atua quase como uma ponte, propondo críticas na mesma linha dos autores rothbardianos.

Tentou-se esclarecer alguns pontos: as ciências do “homem que vive em sociedade”¹⁰⁴, na linha de Mises, se ocupam da ação humana consciente (e não dos comportamentos inconscientes), a ação como tal, qualquer ação, é sempre ativa; a ação empreendedora portanto poderia dar êxito à imaginação, à descoberta precedida por uma busca, mas não à descoberta totalmente acidental passiva. Utilizar o termo “descoberta” é perigoso, uma vez que tem dois significados muito diferentes entre si. Além disso, o sentido de descoberta passiva deve ser rejeitado porque é epistemologicamente infundado. Mesmo o termo criação poderia ser perigoso, pode ser que na verdade nada se crie e nada se destrua, mas sim que se reúna, conecte e interpretem-se as variáveis: se trata em suma de um termo multivalente que deveria ser bem discutido mais profundamente. Por sua vez, que a ação empreendedora consista em imaginar as futuras condições do mercado parece uma ideia já mais dificilmente refutável, por ser mais reducionista. O termo “juízo” parece evocar o mesmo conceito, mas também traz outros significados de sabor ético, morais e próximos ao juízo de valor. O termo “antecipar” parece ser usado com o mesmo significado de imaginar, mas também pode ser entendido como antecipar condições futuras e realizá-las agora, no presente, coisa que deveria ser (dificilmente)

¹⁰² DOUAHN, Robin ; ELIASSON, Gunnar ; HENREKSON, Magnus. Israel M. Kirzner: An Outstanding Austrian Contributor to the Economics of Entrepreneurship. *Small Business Economics*, Vol. 29, No. 1-2 (June 2007): 213-223, cit. p. 218.

¹⁰³ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 94.

¹⁰⁴ LEONI, Bruno. Il problema metodologico nelle scienze sociali. *Il Politico*, No. 3 (1952): 350-358, cit. p. 350.

demonstrada. “imaginação” e “intuição” continuam as melhores definições.

Dito isto, no entanto, o ponto é que imaginar, descobrir uma oportunidade de lucro não é suficiente, para qualificar algo como tal: deve-se aproveitá-la e explorá-la. E então, apenas no momento em que a oportunidade é concretamente realizada e vê a luz aí se pode definir como tal, exatamente quanto ao que diz respeito à teoria do valor subjetivo. Caso contrário, se cairia na presunção fatal de definir as oportunidades com critérios totalmente discricionários e arbitrários aplicados aos fatos, eventos e objetos de análise de um observador externo. Neste sentido, parece epistemologicamente infundada a ideia (geralmente implícita) de que as oportunidades sejam entidades objetivas que existem antes e independentemente do indivíduo (que as qualifica como tais e que as aproveita). O que parece permanecer na superfície é a distinção ontológica entre “mudança” e oportunidade. A mudança das variáveis de mercado, dos fatores tecnológicos, das preferências, dos fatores demográficos, etc. poderia talvez ser qualificada como “objetivo” com mais facilidade, embora continue a ser uma questão complexa que não pode ser aprofundada aqui. Não é dito, porém, que a cada mudança corresponda uma oportunidade de lucro; se uma relação (de causalidade ou de correlação) existe, deve ser demonstrada. Para Thomas J. Di Lorenzo, por exemplo, “a função do empreendedor é reagir (e criar) a mudança no mercado”¹⁰⁵. Um objeto qualquer de análise é definido como oportunidade de lucro por qualquer pessoa e esse indivíduo pode ser o autor econômico diretamente interessado ou um observador externo; nada atribui mais validade ao rótulo imputado pelo observador externo com respeito àquele do direto interessado e nem, muito menos, lhe dá qualquer característica científica supostamente superior. As oportu-

nidades são sempre subjetivas por si mesmas, mas novamente, o cerne da questão é outro: um determinado objeto de análise torna-se uma oportunidade no momento exato no qual é aproveitado e desfrutada, isso não se pode estabelecer *ex ante*. Caso contrário qualquer coisa poderia ser definida como uma oportunidade de lucro, mesmo que nunca fosse se tornar realmente sendo explorada de fato.

O ator social não pode descobrir, e nem mesmo criar oportunidades: as imagina e depois as explora, reunindo diversos planos individuais. Neste exato momento ele cria alguma coisa, mas não a oportunidade, e sim o próprio fato de reunir diferentes planos de diferentes sujeitos coordenando-os uns com os outros e este fato por si só, cria um valor agregado.

Henry Hazlitt e Lawrence White acreditam (o primeiro como crítica, o segundo como mérito) que Kirzner trate implicitamente somente do empreendedor de sucesso: “*Como visão ex post do empreendedor de sucesso, o argumento de Kirzner é louvável*”¹⁰⁶. Não é assim, infelizmente. Kirzner definindo empreendedor já no momento no qual se percebe uma oportunidade de lucro, abre o campo para potenciais empreendedores que enxergam uma oportunidade, mas não conseguem aproveitá-la e explorá-la. Mais uma vez, no entanto, assim como na teoria do valor subjetivo e como quando se disse aqui sobre as oportunidades, parece difícil falar de ação empreendedora quando falta a realização concreta da oportunidade de lucro. Talvez esta interpretação é dada a Kirzner porque ele argumenta que o empreendedor não precisa de nenhum recurso, não realiza qualquer investimento e não arrisca nada, mas já se viu como isso não parece se encaixar na realidade: o empreendedorismo inclui pelo menos o custo-oportunidade do tempo empregado, não só na realidade dos fatos de uma ação (ativa), mas também no período hipotético da irrealidade de um comportamento não ciente – não-informado (e mesmo passivo).

¹⁰⁵ DI LORENZO, Thomas J. Competition and Political Entrepreneurship: Austrian Insights into Public-Choice Theory. *The Review of Austrian Economics*, Vol. 2, No. 1 (1987): 59-72, cit. p. 65.

¹⁰⁶ WHITE. Entrepreneurship, Imagination and the Question of Equilibration. p. 91.

Sempre o termo “tempo” refere-se a duas outras questões tratadas aqui: a primeira o considera como um meio a ser utilizado, com os recursos e o capital; e a segunda se atém à variável dinâmica do tempo que em uma análise realista da economia elimina todas as abstrações irreais e as modelizações estáticas.

O ponto no qual se concentra a maior intensidade do debate é em torno da figura do empreendedor puro e o empreendedor-capitalista e, portanto, na posse ou não de capital. Kirzner argumenta que o empreendedor pode até não possuir qualquer capital, seus críticos negam essa possibilidade. O conceito de capital, no entanto, não parece ser de grande ajuda aqui, nem parece ser o cerne da questão. Por capital entende-se, em sentido estrito, o critério contábil que é usado para calcular lucros e perdas, pode-se entender a posse de capital monetário, de meios de produção, etc.; ou, num sentido mais amplo, podemos entender o chamado capital social, ou melhor, capital humano, capitalização da própria competência, do próprio conhecimento, da própria experiência, etc. Porém mais uma vez o cerne é um pouco além e as palavras contam. Parece mais apropriado falar de “recursos”. Se o empreendedor é sempre também capitalista ou não, se utiliza sempre capital ou não, não parece ser o ponto central, dado que com certeza ele emprega recursos, lidando com o custo oportunidade do tempo gasto. E é difícil levantar a hipótese de que o empreendedorismo não se desenvolva ao longo do tempo, não o inclua e que logo o empreendedor não empregue tempo para realizar o sua ação. O capital poderia também ser entendido como um subconjunto dos recursos, o tempo poderia até não ser entendido como um bem de capital, mas ainda assim seria um recurso. Empreendedorismo é ação (ativa), enquanto tal tem um custo-oportunidade, pelo menos o recurso do tempo, o que é coerente com o aspecto intertemporal da ação humana. A inevitabilidade da relação custo-oportunidade de cada ação traz consigo também a inevitabilidade do risco. Qualquer ação humana envolve risco, no mínimo o cus-

to/oportunidade. O risco também é condição inevitável da vida (e ação) humana.

A segunda questão é relativa ao considerar o tempo como variável por necessidade sempre natural, fator constituinte inalienável do sistema econômico. Argumentar que a arbitragem tem lugar no presente é inexato. Ainda que se possam tratar de dois instantes extremamente próximos um do outro, o ato de compra e venda em qualquer caso constitui duas ações distintas. Cada instante é diferente do anterior. Defender modelos estáticos de análise de um período-único é irrealista. Onde estes sejam um estratagema analítico útil à compreensão lógica e à tendência da realidade sempre dinâmica, é útil especificá-lo explicitamente, sempre.

As acusações de ter uma perspectiva “não austríaca” e uma “visão neoclássica do empreendedorismo”¹⁰⁷, feitas a Kirzner pela vertente rothbardiana, tiram força desses pontos. O que leva alguns autores a ter tal consideração é um certo jeito de proceder de Kirzner, quando ele constrói e hipotetiza imagens irreais, ainda que manobras analíticas; quando usa os conceitos de “artifício” e “estratagema”, de “imaginar”, de “poderia”, de “pureza”. Sempre a propósito do classicismo, Kirzner também fala de “desajuste” (*maladjustment*)¹⁰⁸, mas sobre esses pontos não recebe qualquer crítica, visto que o mesmo termo também é utilizado por Rothbard¹⁰⁹.

Chega-se a essas conclusões ainda porque se tratam as oportunidades de lucro como objetivas e já existentes, o que leva a uma conclusão perigosa. Dizer que as oportunidades de lucro existem “já” antes de serem exploradas, pode abrir caminho para a idéia de má alocação, que por sua vez é epistemologicamente difícil de definir. Mais uma vez se volta à questão do surgimento concreto das oportunidades e como estas vêm a ser definidas como tais. É difícil definir que em uma

¹⁰⁷ ROTHBARD. Review of “Competition and Entrepreneurship”. p. 903.

¹⁰⁸ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 86.

¹⁰⁹ ROTHBARD. *Man, Economy State*. p. 468.

determinada situação de mercado haja má alocação: “*Misallocation*” comparada a quê? Inevitavelmente temos de raciocinar em relação a uma situação ideal, inexistente e imaginada a partir da opinião de um observador externo com os critérios inevitavelmente parciais, discricionários e totalmente arbitrários.

Apesar de Kirzner começar com o propósito de analisar a característica empreendedora da ação, afirmando que “*o papel do empreendedorismo no mercado pode ser melhor compreendido por analogia com o que rotulei como o elemento empreendedor na ação humana individual*”¹¹⁰, em seguida, mais do que lidar com a essência do empreendedorismo, acaba concentrando-se na análise do seu papel no sistema econômico. Na verdade, Klein também reconhece como Kirzner estuda a função empreendedora mais do que a ontologia da sua ação: “*o objetivo de Kirzner não é caracterizar empreendedorismo por si só, mas explicar as tendências dos mercados*”¹¹¹. Kirzner estuda o processo de mercado; em contraste com a economia *mainstream* clássica, detecta o caráter intrinsecamente dinâmico e em oposição a Schumpeter acredita ter descoberto que o empreendedor não cria desequilíbrios, mas que leva a um tendencial, embora nunca alcançável, estado de equilíbrio. Ele então se atém ao papel, à função do empreendedor no processo de mercado, mais do que ao fundamento ontológico e epistemológico da ação empreendedora em si. No entanto, tentar acabar antes com qualquer dúvida sobre a essência ontológica da ação (empreendedora) parece contribuir para melhor definir quais são as consequências e implicações dessa atividade-função em si, para então, talvez, ser capaz de aprofundar mais questões, aqui não aprofundadas, tais como o conhecimento e que tipo de conhecimento caracteriza o empreendedorismo; a tendência de equilíbrio ou não do empreendedorismo; a serendipidade (descoberto

ta importante e feliz), a sorte, a fortuna, a aposta da ação empreendedora; logo, a sua remuneração e as variáveis políticas que a restringem e desviam. ∞

¹¹⁰ KIRZNER. *Competition and Entrepreneurship*. p. 31.

¹¹¹ KLEIN. *The Capitalist and the Entrepreneur*. p. 102.